

***Roberto Rodrigues**

É alvissareira a notícia da eleição do competente Embaixador Roberto Azevêdo para o importante cargo de Diretor Geral da Organização Mundial de Comércio – OMC.

Ele terá a tarefa duríssima de salvar a Rodada de Doha, inaugurada no final de 2001 com o objetivo de liberalizar o comércio agrícola mundial.

Vai substituir o célebre negociador francês Pascal Lamy que não conseguiu desbloquear a Rodada e deixará a entidade em setembro, frustrado e desgastado. Ele atribui o imobilismo da Rodada de Doha à crise econômica que, de fato, perturbou o comércio mundial e tirou protagonismo da OMC, dando ensejo ao surgimento de muitos novos acordos bilaterais ou regionais. Mas também é verdade que a crise começou em 2008, e nem Lamy nem seus antecessores lograram avançar nada nos 7 anos anteriores.

Azevêdo assumirá um setembro, e já em dezembro terá seu teste de fogo: será realizada em Bali – Indonésia, uma Conferência Ministerial para definir quais os rumos de Doha. Neste evento ele sentirá o pulso dos governos dos países desenvolvidos quanto à prevalência da multilateralidade nas negociações comerciais, sobretudo agrícolas. Os Estados Unidos, por exemplo, estão abrindo uma bilateral com a União Europeia, e esta monta acordos bilaterais com outros países ou blocos. Tudo muito ruim para nós.

Em outras palavras, países importantes dão preferência a acordos bilaterais em detrimento de acordos multilaterais buscados pela OMC com a Rodada de Doha.

Porque isso? Os ricos poderão responder que é porque Doha falhou. Ora, porque Doha falhou? Porque os ricos, notadamente Estados Unidos e União Europeia teimaram em manter seus mecanismos protecionistas inibidores de acesso a mercados por parte dos emergentes. Nada mais presente nesta discussão do que o “fracasso” da reunião de Cancun, em 2003. Naquela ocasião, americanos e europeus quiseram enfiar goela abaixo dos participantes daquele evento Ministerial um acordo que não interessava em nada aos países produtores e exportadores. E ficaram muito irritados quando o G20, liderado pelo Brasil, organizou um documento que fazia frente às pretensões dos ricos. Foi isso que parou Doha em Cancun, mas se não fosse isso, teríamos 20 anos ou mais de protecionismo dos países desenvolvidos e a falência – aí sim – dos objetivos da Rodada.

Seja como for, é evidente que a OMC vem perdendo importância nestas discussões todas. Prova disso é que são cada vez mais raros os líderes privados empresariais e as ONGs que vão a Genebra pleitear novas regras de comércio.

E tem mais: o Brasil vem sendo acusado de protecionismo. Pelos corredores da OMC há quem diga que o Programa Brasil Maior está marginalizando regras do acordo multilateral, assim como os créditos subsidiados pelo BNDES e as 110 investigações antidumping atualmente em ação no Brasil.

Roberto Azevêdo, um diplomata correto e sério, não poderá defender seu país nestas conversas: ele passa a ser o árbitro principal nelas.

E por último, ele terá que tirar a OMC da pasmaceira corrente aumentando a capacidade da Instituição de intervir em setores onde hoje estão se concentrando barreiras ao comércio, como as sanitárias e fitossanitárias, as regras técnicas e as questões ambientais e sociais.

Até porque, em tempos de preços agrícolas acima da média histórica, estes temas serão sempre usados pelos países ricos para contrabalançar a pressão dos emergentes pela queda dos subsídios.

Em suma, tarefa dura para um homem certo no lugar certo. Estará certa a hora?

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e Embaixador da FAO para o Ano Internacional do Cooperativismo**

GLOBO RURAL – JUN/2013 – HORA CERTA?